

A Filosofia da Libertação e a alta competição desportiva

The Philosophy of Liberation and the high sport competition

La Filosofía de la Liberación y la alta competición deportiva

MANUEL SÉRGIO¹

UNIVERSIDADE TÉCNICA DE LISBOA, UTL, LISBOA, PORTUGAL

RESUMO

Na visão de um administrador ou gestor desportivo, o mundo é entrevisto pelo prisma dos negócios, dado que, para ele, no mundo todo, as pessoas não passam de agentes económicos, compradores ou vendedores, encontrando-se o desporto, inserido em pleno sistema capitalista e, com efeito, o atleta de altos rendimentos, no dualismo senhor-servo, objectualizado. Na exigência de se salientar e apontar possibilidades, este breve ensaio indica um novo tempo, um novo mundo, uma história nova, na qual o futebol é mais do que futebol e o desporto é mais do que desporto, integrando-se na construção de uma humanidade diferente, de uma globalização alternativa, de uma competição-diálogo, no lugar da competição hostil. Isto exige um novo treino desportivo, não apenas “tático”, mas “antropológico e tático”. Na Ciência da Motricidade Humana, pela transcendência, o ser humano não é um ser resignado, fatalista, ele define-se, acima do mais, pelo seu futuro, pelos seus possíveis.

Palavras-chave: Desporto. Capitalismo. Ciência da Motricidade Humana.

ABSTRACT

In the eyes of an administrator or sports manager, the world is visualized by the prism of business, given that, for him, all over the world, people are nothing more than economic agents, buyers or sellers, and sports are included in the system capitalist and, indeed, the high-yielding athlete, in the master-servant dualism, objectified. In the demand to emphasize and point out possibilities, this brief essay indicates a new time, a new world, a new history, in which football is more than football and sport is more than sport, integrating itself into the construction of a humanity, an alternative globalization, a competition-dialogue, instead of hostile competition. This requires a new sports training, not just “tactical”, but “anthropological and tactical”. In the Science of Human Motricity, by transcendence, the human being is not a resigned, fatalistic being, he is defined above all by his future, by his possible.

Keywords: Sport. Capitalism. Science of Human Motricity.

RESUMEN

En la visión de un administrador o gestor deportivo, el mundo es visualizado por el prisma de los negocios, dado que, para él, en todo el mundo, las personas no pasan de agentes económicos, compradores o vendedores, encontrándose el deporte, insertado en pleno sistema capitalista y, con efecto, el atleta de altos rendimientos, en el dualismo señor-siervo, objetivado. En la exigencia de señalar y apuntar posibilidades, este breve ensayo indica un nuevo tiempo, un nuevo mundo, una historia nueva, en la que el fútbol es más que fútbol y el deporte es más que deporte, integrándose en la construcción de una humanidad diferente, de una globalización alternativa, de una competencia-diálogo, en lugar de la competencia hostil. Esto exige un nuevo entrenamiento deportivo, no sólo “táctico”, pero “antropológico y táctico”. En la Ciencia de la Motricidad Humana, por la trascendencia, el ser humano no es un ser resignado, fatalista, él se define, sobre todo, por su futuro, por sus posibles.

Palabras clave: Deporte. Capitalismo. Ciencia de la Motricidad Humana.

¹ Professor aposentado da Faculdade de Motricidade Humana da UTL. E-mail: manuel.sergio.cunha@gmail.com

ENSAIO

Posso começar este meu ensaio, com palavras do escritor português Vergílio Ferreira: “Mais forte que as razões é a sem-razão da razão que nos abala e domina” (FERREIRA, 1978, p. 31). Enrique Dussel (1998), argentino, talvez o filósofo mais representativo da “filosofia da libertação” diz, repetidas vezes, que esta filosofia é herdeira do Maio de 68 e da crítica heideggeriana à razão moderna e da teoria crítica e ainda da filosofia de Emmanuel Lévinas. E escreve que, muito antes da exploração do trabalhador europeu, que Marx denuncia e estuda, já na América Latina o negro e o índio eram escravizados pelos colonizadores europeus, os quais corporizavam a razão eurocêntrica, machista, pedagogicamente dominadora, culturalmente manipuladora, religiosamente fetichista. Para Lévinas (1998) a ética substitui a metafísica, a ética é a “filosofia primeira” e a ética surge, principalmente, na minha relação vivida com o Outrem, entendido como sujeito e não como objeto! Mas, para que paulatinamente se implante “uma ilimitada comunidade de comunicação de pessoas que se reconhecem reciprocamente como iguais”, interessa, no entender de Dussel (1998), que se comece por uma ética do discurso, nos mais variados locais da sociedade. É evidente que, para um administrador ou um gestor de um órgão da Comunicação Social, o mundo será entrevisto naturalmente pelo prisma dos negócios, dado que, para ele, no mundo todo, as pessoas não passam de agentes económicos, compradores ou vendedores. O desporto, por seu turno, encontra-se inserido em pleno sistema capitalista. Com efeito, os clubes desportivos funcionam como firmas comerciais que entre si competem, no mercado das várias competições. Por isso, o atleta de altos rendimentos é um novo tipo de trabalhador que vende a um patrão a sua força de trabalho. O amadorismo, na alta competição, acabou...

De tão amarrados nos encontramos ao sistema capitalista, não descortinamos que ele fomenta o “bellum omnium contra omnes” (a guerra de todos contra todos), dando o primado à dimensão económica e subalternizando a dimensão política. No desporto, fomenta ele a mais despudorada mentira, quando [...] negam, contra todas as evidências, o consumo de substâncias dopantes; quando treinadores e atletas escondem a frequência e a gravidade das lesões, numa prática que nada tem de saudável; quando uma idolatria acrítica do desporto, sob o nome de “cultura desportiva”, percorre os manuais escolares, desde a mais tenra idade. Tudo é objectualizável no capital, incluindo a pessoa humana. Os futebolistas profissionais também são objectos, no dualismo senhor-servo, em que o capitalismo se desenvolve (SÉRGIO, 2007, p. 29-30).

Quais são os grandes mitos da sociedade burguesa? Em primeiro lugar, a competitividade económica que se apresenta, num sentido metafísico, como qualquer coisa de eterno, superior ao tempo e à história. O desporto, claramente, reproduz e multiplica este mito. Em segundo lugar, a hierarquia resultante dos desempenhos, nas competições, onde os clubes mais ricos se apoderam dos lugares cimeiros, ajudando assim a uma interiorização das relações de produção capitalista. Cria-se assim um mundo tão desigual, que os clubes mais pobres praticamente não existem. Toda a atenção se concentra, nos desempenhos do Real Madrid, do Barcelona, do PSG, do Bayern de Munique, do Manchester United, do Chelsea e, em Portugal, do Benfica e do Porto e do Sporting (e mais exemplos poderiam aqui invocar-se). Em Portugal, por exemplo, os programas televisivos ditos desportivos ocupam-se apenas dos “três grandes”. E dos jogadores dos “três grandes”. Recordo, neste passo, o jogador Sócrates que, nas manifestações anti-ditadura, no Brasil, lançava ao ar, pelo microfone, a seguinte mensagem: “Ganhar ou perder, mas sempre com democracia”. Se numa

democracia “tudo é para todos”, nada é menos democrático do que uma competição onde os jogadores de certos clubes têm condições de toda a ordem e em abundância, a que não podem chegar os jogadores dos clubes que... “lutam pela sobrevivência”. Para Huizinga (2014), no seu celeberrimo *Homo Ludens*, qualquer jogo, ou competição desportiva (cito de cor) “vão para além dos limites das atividades puramente físicas e biológicas. Têm uma função significativa, ou seja, têm um sentido”. Se bem que haja “consciências vigilantes” que mantêm o espírito crítico, mesmo no seio das grandes competições desportivas, a esmagadora maioria das pessoas dá ao desporto uma significação social: a vitória de qualquer maneira e a qualquer preço, como o fazem e pensam muitos dos elementos da classe dominante, nas suas instituições bancárias e nas suas fábricas e nos seus comércios etc., que afanosamente, ansiosamente procuram o lucro, também de qualquer maneira e a qualquer preço.

E assim certo tipo de sociedade se vai reproduzindo e multiplicando! Na Escola, quando se hipervaloriza, no desporto, a educação unicamente física sobre a formação integral, a disciplina sobre o espírito crítico, a instrução sobre a cultura, também se concorre ao estabelecimento, à solidificação da ideologia dominante ou até ao anúncio da ideologia típica de Estados totalitários, que tendem imediatamente a destruir e absorver qualquer assomo de contestação ou de crítica. Na Alemanha de Hitler, onde o Direito assentava na força, no sangue e na raça, e onde se elevou, a princípio absoluto, o direito vital de um povo, com desprezo absoluto dos direitos vitais dos outros povos – na Alemanha de Hitler, o espetáculo desportivo alcançou um indelével progresso. Só que o desporto era asfixiado pelo abraço protetor da tutela, que fazia da prática desportiva mais um espaço de manipulação, de exploração, de alienação e até de propaganda da ideologia nazi. O culto do sensacionalismo, a ambição da riqueza e o orgulho de ser o primeiro em proezas físicas tão-só atentam, indiscutivelmente, contra os mais autênticos valores morais, contra os mais autênticos valores democráticos. Conheço, com alguma minúcia, o que se passa nos maiores clubes portugueses, por generosidade de alguns dirigentes e treinadores de futebol. Desde há vinte ou trinta anos atrás, o desporto, mormente o chamado “desporto-rei”, o futebol, passou a figurar no roteiro de grandes capitalistas, o que significa que nele encontraram um espaço privilegiado para a implementação das suas convicções.

E, num sistema económico-político onde são reduzidíssimas as vias de mobilidade social ascendente, o desporto de altíssima competição é, para tanto, uma via aberta às crianças e aos rapazes, superdotados, filhos de famílias pobres. Nos jogos de futebol de iniciados, juvenis e juniores, descortina-se um espetáculo, ao lado do espetáculo que nos relvados se movimenta: as ordens, os gritos, os impropérios dos pais dos “jovens jogadores” que já anteveem nos seus filhos a “salvação” da família, como o Cristiano Ronaldo o foi da sua. Pena é, digo eu, que seja o futebol a única via de “salvação” das suas famílias! A profissionalização dos jovens futebolistas, neste caso, reflete (e julgo estar a escrever, com discrição e prudência) declarada injustiça social. De facto, continua a ser difícil, neste contexto económico-financeiro, que o desporto se transforme num humanismo planetário, respeitador do vínculo indissolúvel entre a unidade e a diversidade humanas!... Falta-nos agora uma “ética do discurso” que, em Enrique Dussel (1998) supõe que, num diálogo, notícia ou estudo, quaisquer que eles sejam, se verifiquem certos pressupostos: a pretensão de inteligibilidade; a pretensão de verdade; a pretensão de utilização dos meios que melhor podem conduzir à verdade; a pretensão de indelével honestidade de processos. Só assim, segundo Dussel (1998), é possível constituir “[...] uma ilimitada comunidade de comunicação de pessoas que se reconhecem reciprocamente como iguais” (p. 420). Ou seja, no desporto, há outros problemas que uma “ética do discurso” exige que se salientem e apontem, para além da

tática, dos erros dos árbitros e da brotoeja de rancores que afligem alguns dirigentes do futebol.

Resumo assim o que já escrevi, neste ensaio, até agora: *o futebol é mais do que futebol*. E poderia escrever também: *o desporto é mais do que desporto*. Para nós, os que aceitamos a revolução científica, donde nasce a Ciência da Motricidade Humana (CMH)², não há jogo, há pessoas que jogam; não há chutos, há pessoas que chutam, não há fintas, há pessoas que fintam. Se eu não compreender as pessoas que fintam e chutam e jogam, não entenderei nunca, nem os chutos, nem as fintas, nem os jogos.

Há, de facto, necessidade de sabedoria e portanto de pensar a relação com outros saberes e com os outros homens (e mulheres). Na Esfinge impenetrável da vida, tudo parece precário e relativo sem o diálogo, sem a amizade, sem o brotar misteriosamente cristalino de um grande amor. Aliás, só se conhece o que se ama. É no Amor que nos sentimos intensamente vivos e portanto recusando um desporto singelo títere, dócil instrumento do império de um economicismo mundializado (SÉRGIO, 2017, p. 60).

No desporto, como uma das especialidades da motricidade humana, é nas ciências sociais e humanas (ou hermenêutico-humanas, no pensar de Habermas) que nos situamos. Os chamados “professores de educação física” são especialistas em humanidade, não são fisiologistas³ (aliás, há um curso de fisiologia, que não se confunde com qualquer curso de educação física). O ser humano não é:

[...] simples máquina, nem pura idealidade matemática, como o racionalismo pensou, mas sistema vivo, aberto, termodinâmico, homeodinâmico, autopoietico, autorreferente, agir histórico e político, em processos contínuos de produção e reprodução de si e da cultura que o informa (SÉRGIO, 2017, p. 39).

Para nós, o desporto é sempre um pretexto para falarmos do ser humano e de uma sociedade mais solidária, mais fraterna, mais justa. Na Escola, deverá ensinar-se aos alunos da disciplina de educação física que a saúde não se alcança unicamente com meia-dúzia de saltos e corridas, mas com uma sociedade totalmente outra. O professor de educação física não deverá ocupar-se tão só das qualidades físicas dos seus alunos, mas da formação integral de todos eles... sem partidizar, mas politizando! Costumo definir a motricidade humana como *o movimento intencional e em equipa da transcendência*. “Da transcendência?” perguntarão, com incontido espanto, alguns dos meus leitores...

² “[...] da morte da educação física vejo nascer uma nova ciência, que eu denomino ciência da motricidade humana (CMH). De facto, mesmo concedendo que a educação física se compõe de ginástica, jogos e desportos, não é o físico, ou o biológico, que nos aparecem tão-só, ou nos regalam o olho atento, mas pessoas em movimento intencional” (SÉRGIO, 2005, p. 81).

³ “A CMH, porém, sem pôr de lado as transformações fisiológicas e de âmbito afectivo, associadas ao treino físico; sem ladear os efeitos fisiológicos negativos da ausência de movimento; sabendo que o desporto, sem desencantos, violências e hostilidades provocadoras, pode ser uma prática salutar – recusa, na análise do ser humano, unicamente a via quantitativa, o determinismo, o mecanicismo, a ordem, a certeza inamovível e defende também a existência da complexidade, da via qualitativa, do carácter organicista, do indeterminismo, da imprevisibilidade (onde o mistério se inclui), da incerteza, já que os métodos analíticos e sintéticos são complementares e não antagónicos. [...] a CMH, ao apelar para uma perspectiva de totalidade (e complexidade) apresenta os seus metaprincípios autónomos, não só porque a CMH resulta de uma revolução científica (a passagem do físico à motricidade humana), mas também porque esta ciência visa estudar e libertar o ser humano no movimento da superação, tanto no lazer ou na escola” (SÉRGIO, 2007, p. 55-57).

O que se pretende dizer, aqui, com a palavra transcendência? Numa sociedade como a nossa, onde a lógica prevalecente é a do “crescimento pelo crescimento”, pode confundir-se transcendência com “ter mais”. Ora, na CMH, o movimento intencional da transcendência é... para “ser mais”. Eu sei que para *ser* é preciso um certo *ter* mas é, sobre o mais, o “ser mais” que se pretende alcançar. Na CMH, o *ter* encontra-se ao serviço do *ser*. Na CMH, a transcendência não se limita à economia e às finanças, nem à política. A transcendência é um problema principalmente filosófico e religioso. A nossa civilização ocidental tem vivido do postulado da primazia da razão, onde o espírito se reduz à inteligência, à tecnociência, aos critérios puramente económicos e onde se põem de lado, como não razoáveis, ou não científicas, a poesia, o gratuito, a fé, o amor. Importa, por isso, transcender e transcendermo-nos, pois que o ser humano não se limita ao “eu penso”, também crê e espera e ama. E é precisamente ao crer, ao esperar e ao amar que ele rejeita qualquer espécie de determinismo e desfataliza o tempo e a história. A CMH é movimento intencional, em direção a um novo humanismo, através do desporto, do jogo desportivo, dança, ergonomia, reabilitação, motricidade infantil. O desporto, o fenómeno cultural de maior magia no mundo contemporâneo, tem de ser um pretexto para falarmos de um novo tempo, de um novo mundo, de uma história nova, a que chegaremos através da transcendência, através da superação dos nossos limites físicos, intelectuais, morais, espirituais.

Desporto que não seja ciência e tecnologia, para condicionar o praticante e o espectador das maneiras mais aviltantes e estranhas, para reduzi-los a simples feixes de reflexos, mas que seja tecnologia e ciência para melhor se corporizarem no tempo os projectos de promoção e libertação da pessoa humana. [...] Um Desporto-Alternativa, no lugar de um Desporto Repetição (este último resignado, determinista, mecanicista, incapaz de compreender as relações complexas entre as partes e o todo, reproduzidor do capitalismo que produz riquezas e misérias incomensuráveis e produz uma gigantesca crise planetária). Não somos contra a <<sociedade com mercado>>, mas contra uma <<sociedade de mercado>>, onde o <<pensamento único>> da exploração campeia, sem referência a outros critérios, para além dos económicos. No desporto que reproduz e multiplica a <<sociedade de mercado>> não há, muitas vezes, carência de meios, mas ausência de um Desporto com Ética (sem a qual, aliás, não há Desporto). E ainda de uma ideia que nem sempre se valoriza devidamente e o Concílio Vaticano II assim resume: *a pessoa humana é e deve ser o princípio, o sujeito e o fim de todas as instituições sociais* (SÉRGIO, 2017, p. 38-43).

Tudo isto exige também um novo treino desportivo, onde a periodização não seja apenas “tática”, mas “antropológica e tática”. Antes de cada um dos treinos, o treinador deve levantar dentro de si esta pergunta: “Qual o tipo de homem que eu quero que nasça do treino que vou liderar?”. Sem homens de qualidade, de excelência, a tática não resulta. Na CMH, pela transcendência, o homem (e a mulher) não é um ser resignado, fatalista. Ele define-se, acima do mais, pelo seu futuro, pelos seus possíveis.

O Desporto pode integrar-se na construção de uma humanidade diferente, de uma globalização alternativa, de uma competição-diálogo, no lugar da competição hostil,

[...] procurando mais o belo e o convívio fraterno e a resposta às necessidades do ser humano, em busca de *mais ser*, do que uma competição tecnologicamente avançada e moralmente ameaçada. [...] Da sua vocação inicial (o lazer dos mais ricos) o desporto transformou-se, no século XXI, num dos Direitos do Homem, ou seja, de todos os homens (e mulheres), são ou doentes, ricos ou pobres e em plena igualdade de género. A competição-diálogo que os pais dos jovens jogadores de futebol desconhecem, ou desprezam, incitando os seus filhos a um comportamento belicista, no

desporto. Há necessidade urgente de mudanças conceptuais e epistemológicas no desporto que mais se fala [...] A consciência e a liberdade, no lugar da robotização, da mecanização e do biologismo decorrentes de um racionalismo defunto (mas ainda evidente, principalmente no treino desportivo) (SÉRGIO, 2017, p. 27-29).

REFERÊNCIAS

DUSSEL, E. **Ética de la liberación en la edad de la globalización y de la exclusión**. Madrid: Trotta, 1998.

FERREIRA, V. **Invocação ao meu corpo**. Lisboa: Livraria Bertrand, 1978.

HUIZINGA, J. **Homo ludens: o jogo como elemento da cultura**. 8. ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.

LÉVINAS, E. **Éthique comme philosophie première**. Paris: Payot & Rivages, 1998.

SÉRGIO, M. **Para um desporto do futuro**. Porto: Edições Afrontamento, 2017.

SÉRGIO, M. **Algumas teses sobre o desporto**. 3. ed. rev. Lisboa: Compendium, 2007.

SÉRGIO, M. **Para um novo paradigma do saber e... do ser**. Coimbra: Ariadne Editora, 2005.

Recebido em: 19 jul. 2017.

Aprovado em: 26 out. 2017.